

Editorial vol. 37 n. 1

“Precisamos [...] desvespuciar e descolombizar a América e descabralizar o Brasil”, dizia já Oswald de Andrade, em 1950 referindo-se ao projeto descolonizador modernista que iniciou nos anos 1920. O neologismo “descabralizar” evoca tanto a inversão da conquista do Brasil por Pedro Álvares Cabral quanto o ato de descabralizar o projeto de modernidade imposto pelo mundo europeu. Ao desenvolver um pensamento crítico à hegemonia cultural europeia, nosso grande filósofo do movimento antropofágico não só colocava em questão o projeto colonialista como também nos alertava para o ato revolucionário, cujo princípio seria abolir “o sistema patriarcal capitalista para restituir, através das conquistas tecnológicas, uma nova era de ócio sagrado – o ócio indígena que foi destituído pelos europeus com a introdução do escravismo e do sistema de produção – em um novo espaço: o Matriarcado de Pindorama” (Schwartz, 2002, p.145). Por este viés, Pindorama – “o nome da terra do Brasil em *nheengatú*, a ‘língua geral’ indígena” (idem) – não seria exatamente um lugar triturador de tempos, mas um espaço no qual as temporalidades estariam antropofagicamente enredadas.

Um salto no tempo desde o movimento modernista de quase um século até o chamado novo milênio, que já experimentamos há quase 20 anos, nos permite pensar tanto a atualidade do pensamento de Oswald de Andrade quanto o desafio, ainda constante, de darmos conta, no âmbito da formação estratégica de um Sul Global, de compreender as dinâmicas temporais e espaciais de modernidades que não se reduzem a ciclos fechados e/ou determinismos. A metáfora antropofágica – o canibalismo cultural, e, portanto, político, ético e estético – segue viva e necessária; ela sobrepõe várias modernidades possíveis e é um elemento desafiador, pois é também, e o tempo todo, imiscuído na selvageria do próprio capitalismo. Neste sentido,

descabralizar o Brasil, como propunha Oswald de Andrade, é, antes de tudo, levar em conta a dinâmica do cenário capitalista global, reconhecendo a disputa de poderes e afetos, ao mesmo tempo em que se articula um espaço de utópica resistência temporal que se associa com o desejado Pindorama do Pau Brasil.

No primeiro dossiê publicado pela Revista CONTRACAMPO, cujo tema é as “Temporalidades Enredadas no Sul Global”, e agora neste segundo volume, o desafio é pensar as dinâmicas de um movimento global capitalista como indissociáveis de gestos éticos e estéticos que produzem fricções criativas neste contexto. Ou seja, trata-se do esforço de compreender que os princípios de ordem econômica e política não se dissociam, em tempo algum, de mobilizações e expressões, também políticas e, mais ainda, culturais. Assim, o que no editorial de apresentação do Volume I chamamos de “complexas conjunções e disjunções de etnopaisagens, midiapaisagens, financiopaisagens, tecnopaisagens e ideopaisagens” (conforme Appadurai), só são categorias passíveis de serem problematizadas a partir do reconhecimento de um cruzamento que se dá entre o político e o estético. As temporalidades, que a partir de Mbembe, entendemos como “enredadas”, são inevitavelmente partes deste cruzamento que sobrepõe poderes e afetos. Em outras palavras, o que temos sugerido pensar, nesses dois volumes do nosso dossiê, é que a discussão acerca do chamado “Sul Global” e suas temporalidades coloca em questão a produção de um sistema geopolítico no qual o enredamento de tempos disjuntivos – à luz das políticas e das estéticas – é crucial.

Neste volume II, retomamos a questão diaspórica como emblemática, senão fundante, no sentido de contribuir para que se possa compreender o deslocamento espacial como produtor de dinâmicas temporais que se enredam nas experiências dos atores de um possível “Sul Global”. Liliane Brignol (UFES) e Nathália Costa (UFES), ao discutir migração através dos usos sociais das mídias pelos sujeitos migrantes senegaleses, nos fazem ver, em particular, a hibridação das noções de tempo em um ato celebratório. Em “Díspora Senegalesa e mediação tecnológica: entre tempos e lugares na observação do Magal de Touba”, a apropriação e o uso de tecnologias são

vetores do movimento reflexivo das respectivas autoras. O mesmo acontece em “#MEUAMIGOREFUGIADO: experiências de cosmopolitismo e mobilização midiática da empatia”, de Sofia Zanforlin (UFRJ). Neste artigo, através do estudo de caso de uma campanha lançada no Brasil pela ONG Migraflix, esta autora nos faz pensar em um tipo específico de cosmopolitismo e de consumo cultural que, sugerimos, possa também ser entendido como produto/produzidor dos deslocamentos e do enredamento dos tempos, conforme temos tratado nos dois dossiês desta Revista.

A contribuição de Luã Chagas (UERJ), em “Radiojornalismo como espaço de disputas no Sul Global...”, é também central no sentido de referendar a mídia, no caso o rádio, como território em que são tecidos os sentidos e os tempos. A cartografia das fontes em uma estação de rádio na cidade do Rio de Janeiro nos ajuda a compreender a articulação dos sujeitos nas dinâmicas de disputa no cenário jornalístico brasileiro. E no artigo seguinte, “‘No puedes comprar mi vida’: Calle 13, as representações do continente na narrativa musical de Latino América e o ambíguo contexto porto-riquenho”, é a música que também estrutura o elo entre os tempos, o espaço e a produção de sentidos. Pensando a música como lugar de engendramento de tensões e disputas ideológicas, Ivan Bonfim (UEPG) discute modernidade e identificação nacional como elementos essenciais que movem o cruzamento das temporalidades no contexto do Sul Global.

No mesmo território caribenho, Cuba surge através da experiência de um fã da cantora Madonna. Thiago Soares (UFPE) e Mariana Lins Lima (ESPM-Rio), no percurso reflexivo realizado em “Madonna, guerreira como Cuba”, contribui para que possamos compreender como se desvela, no país socialista, um modo particular de globalização e negociação de fluxos do capital transnacional. Naquele espaço, também tecido pelas suas próprias temporalidades, as tensões são compreendidas como parte de uma dinâmica de resistência, um processo entendido como particular do regime de Estado cubano.

O Estado, ou a ideia de um “estado-nação”, também crucial na constituição da geografia expandida que é o sul global, aparece como um aspecto relevante na vida política do Zimbábue. Em “Valorisation, Personality

Cult and The militarisation of Nation State under a civilian ruler In Zimbabwe: a public-private media gaze”, Josyah Nyanda (Universidade de Witwatersrand) nos mostra como também a mídia se conforma enquanto ator fundamental no processo de militarização de um estado, em princípio, comandado por um civil. As intervenções militares são fantasmas, quando não corpos, recorrentes nas experiências políticas de países com herança colonialista; um traço significativo entretecido nas dinâmicas temporais que enredam tais geografias. Alda Costa (UNAMA), Thaís Braga (Universidade do Minho, Portugal) e Lídia Rodarte (UFPA), em “Tempo e narrativa na Amazônia paraense: o plebiscito no Pará pela perspectiva do ‘Espaço do Leitor’”, nos mostram como os enquadramentos emocionais e políticos estruturaram as narrativas sobre a criação dos estados de Carajás e de Tapajós, um importante território indígena no Brasil. O desenvolvimentismo, não só brasileiro, mas também conforme é concebido na maioria dos territórios enquadrados a partir do binarismo “civilização x barbárie”, é um vetor importante para a problematização acerca dos poderes e dos tempos engendrados no sul global. E a Amazônia brasileira, se quisermos também pensar como um dos lugares centrais em que o gesto antropofágico vem progressivamente sucumbindo à selvageria do capital – portanto como espaço constitutivo de uma territorialidade permeada pela crueza das dinâmicas de poder do sistema capitalista contemporâneo – apresenta-se como um campo produtivo de reflexão em torno dos problemas que atravessam o sul global. Por fim, Marialva Barbosa (UFRJ) e Cristine Gerk (UFRJ), em “Jornalismo, memória e testemunho: uma análise do tempo presente”, discutem o testemunho como ferramenta histórica de produção do jornalismo e o testemunho do jornalismo sobre si mesmo. O presente dilatado que vivemos ajuda a problematizar os relatos, particularmente os jornalísticos, que trazem o mesmo presente como eixo de narração.

Acompanhando este volume do dossiê, o artigo de temática livre nos faz acessar o campo da memória. Neste tempo acelerado, sabemos todos, o crescimento das mídias sociais é um desafio. Assim, a algoritimização das narrativas do cotidiano é uma questão de natureza não só temporal, como também política. E deste modo, torna-se preponderante entender em que

medida os próprios profissionais da notícia não estariam contribuindo, eles mesmos, para as múltiplas agendas do Facebook. É este o aspecto central do nosso último artigo “Da manchete ao post: a formação de múltiplas agendas nas redes sociais”, de Adriana Barsotti Vieira (ESPM-Rio).

Esta edição, como também dissemos acerca do volume anterior, é parte de (e também um resultado do) Projeto “Culturas Literárias do Sul Global” (DAAD). Trata-se de uma pesquisa de cooperação internacional desenvolvida, desde 2015, pelo PPGCOM/UFF, a Universidade de Tübingen e outras instituições parceiras, como a UNAM/México, WITS/África do Sul e Jawaharlal Nehru University (Índia). Neste sentido, ao lançar uma discussão sobre a questão do Sul Global e suas temporalidades enredadas, a *Contracampo* celebra esta importante parceria, que prima essencialmente pela horizontalidade no gesto de construir diálogos e problemas de pesquisa.

Em um dos vários encontros que aconteceram no decorrer do desenvolvimento da pesquisa, Dhananjay Singh, professor da JNU/Índia, nos fez lembrar em uma de suas apresentações que, na Índia, a “modernidade começou com Buda”. Esta frase, de grande impacto, evidencia o constante desafio de desenvolver uma pesquisa acerca do Sul Global. Como localidade expandida, o que também buscamos referendar no volume anterior, o Sul Global abarca tempos distintos que se enredam na mesma medida em que entrecruzam saberes e experiências. Por esta razão, também sugerimos considerar que o desafio do gesto antropofágico de “descabralização” do Brasil equivale, em certo sentido, à decolonização (lembrando Mignolo) dos processos de construção de saberes, práticas e modos de vida. Há muitas modernidades em jogo no chamado “sul global”, o que, do ponto de vista acadêmico, requer, no nosso entender, a dialogia e a troca de conhecimento com ênfase nos sistemas complexos e nos processos relacionais; um procedimento essencial para a compreensão dos nossos modos de estar, hoje, em um mundo atravessado por um sistema globalizado, absolutamente desigual e multifacetado. A expectativa que temos, assim, é de que esses dois volumes publicados pela CONTRACAMPO possam, minimamente, contribuir para a compreensão deste problema.

Agradecemos a toda a equipe da CONTRACAMPO, aos autores e aos pareceristas envolvidos no processo de edição dos dois volumes do nosso dossiê. E desejamos que todos tenham uma leitura agradável e produtiva.

Fernando Resende (Universidade Federal Fluminense) e
Sebastian Thies (Universidade de Tübingen)

EQUIPE EDITORIAL

Editoras-chefes

Beatriz Polivanov (UFF)
Thaiane Oliveira (UFF)
Angela Prysthon (UFPE)

Editores convidados

Fernando Resende (UFF)
Sebastian Thies (Tübingen)

Editores-executivos

Camilla Quesada Tavares (coordenadora)
Luana Inocêncio
Lumarya Souza
Tatiana Lima
Seane Melo

Revisão

Ana Luiza Figueiredo
Erly Guedes
Jonas Pilz
Priscila Mana
Schneider Ferreira de Souza (coordenador)
Simone Evangelista
Veronica Lima

Tradução / Versão

Deborah Santos
Leonam Dalla Vecchia
Patrícia Matos (coordenadora)

Projeto gráfico / Diagramação

Érica Santos
Paulo Alan Deslandes Fragoso
Wanderley Anchieta (coordenador)

Equipe de comunicação

Paola Sartori
Pollyane Belo (coordenadora)
Rafael Ribeiro

Planejamento estratégico

Ícaro Joathan
Ledson Chagas
Melina Meimaridis (coordenadora)